

CRITÉRIOS PARA DETECÇÃO E SELEÇÃO DE JOVENS ATLETAS DE BASQUETEBOL: UMA REVISÃO NARRATIVA¹

Maycon Arcendino Melo²

Oswaldo André Furlaneto Rodrigues³

Resumo: a detecção e a seleção de talentos no basquetebol juvenil ainda se pautam majoritariamente em critérios subjetivos e físicos, como estatura e composição corporal, desconsiderando a complexidade multifatorial que define o potencial atlético. Esta revisão narrativa analisou criticamente os principais critérios utilizados na identificação de jovens talentos, abrangendo aspectos antropométricos, técnicos, táticos, psicológicos e maturacionais. A literatura nacional e internacional demonstra que a ênfase desproporcional em atributos físicos favorece atletas maturacionalmente precoces e exclui sistematicamente jovens com desenvolvimento tardio, porém com habilidades superiores em outras dimensões. Fatores como motivação, resiliência, suporte familiar e inteligência emocional, essenciais para o desenvolvimento esportivo e pessoal, seguem sendo negligenciados. A experiência e formação continuada dos treinadores também se mostram determinantes na qualidade dos processos seletivos, sendo necessária a superação de práticas empíricas e adoção de abordagens baseadas em evidências. Conclui-se pela urgência de modelos de seleção mais equitativos e multidimensionais, que integrem critérios objetivos, protocolos padronizados e avaliação do status maturacional, visando não apenas o desempenho imediato, mas o desenvolvimento sustentável do talento esportivo em longo prazo.

Palavras-chave: Basquetebol; Detecção de Talentos; Seleção de Atletas; Jovens Atletas; Maturação.

1 INTRODUÇÃO

O basquetebol é uma das modalidades coletivas mais praticadas no mundo e, ao longo dos anos, consolidou-se não apenas como prática de lazer e educação física escolar, mas também como uma arena de alto rendimento que exige de seus atletas um conjunto altamente refinado de competências físicas, técnicas, táticas e psicológicas. Nesse contexto, a detecção e o desenvolvimento de talentos esportivos emergem como pilares estratégicos para o sucesso a longo prazo, tanto de atletas quanto de instituições esportivas (Balyi & Hamilton, 2004; Vaeyens et al., 2008).

¹ Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) enviado em formato de artigo científico, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Educação Física, conforme orientação da Coordenação de TCC do Centro de Ciências da Saúde e do Esporte – CEFID, da Universidade do Estado de Santa Catarina. Semestre 2025/1.

² Acadêmico do curso de Bacharelado em Educação Física – CEFID – UDESC.

³ Professor orientador – Departamento de Educação Física (DEF) – CEFID – UDESC.

A identificação precoce de talentos visa reconhecer, ainda nas fases iniciais do desenvolvimento, indivíduos com alto potencial para alcançar níveis superiores de desempenho. Porém, os critérios e métodos utilizados nesse processo variam amplamente entre clubes, escolas e federações, sendo muitas vezes pautados em julgamentos subjetivos por parte de treinadores e olheiros (Williams & Reilly, 2000). Predomina, ainda, uma ênfase desproporcional em atributos físicos visíveis – como estatura, força e velocidade – em detrimento de aspectos menos observáveis, mas igualmente determinantes, como a maturação biológica, a inteligência tática e os fatores psicossociais (Malina et al., 2004).

Essa prática reducionista pode acarretar sérios prejuízos à equidade dos processos seletivos, levando à exclusão de jovens talentos que não se enquadram em padrões físicos momentâneos, mas que apresentam potencial de desenvolvimento significativo em médio e longo prazo (Coutinho et al., 2016). Estudos como os de Ramos e Tavares (2000) e de Barbosa et al. (2015) alertam que uma avaliação mais ampla e multidimensional é necessária para evitar distorções no processo seletivo, especialmente em modalidades que têm interações complexas, como o basquete.

Além disso, a literatura contemporânea destaca a importância de considerar o contexto ambiental, o suporte familiar, a motivação intrínseca e o histórico de prática esportiva como fatores que podem interferir de maneira substancial no desempenho futuro dos atletas (Abbott & Collins, 2004). Modelos como o *Developmental Model of Sport Participation* (DMSP) proposto por Côté, Fraser-Thomas e Deakin (2005) enfatizam o papel das experiências diversificadas e da especialização tardia como elementos positivos na formação de talentos duradouros.

Contudo, apesar desses avanços teóricos, ainda persiste uma lacuna entre o conhecimento científico e a prática cotidiana das instituições esportivas, especialmente em categorias de base, onde a pressão por resultados rápidos e visibilidade muitas vezes sobrepõe-se à formação integral do atleta.

Diante desse cenário complexo, este trabalho propõe-se a revisar a literatura científica sobre os principais critérios utilizados na detecção e seleção de jovens talentos no basquetebol, com o objetivo de identificar tendências, lacunas e boas práticas que possam contribuir para a construção de processos mais justos, inclusivos e cientificamente embasados.

Assim, a pergunta que orienta esta investigação é: quais são os critérios predominantes utilizados na detecção e seleção de jovens

atletas de basquetebol, e como eles influenciam o desenvolvimento e a inclusão de talentos na modalidade?

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo caracterizou-se como uma revisão narrativa da literatura. Segundo Rother (2007), a revisão narrativa é uma modalidade de revisão que permite uma análise crítica e ampla da produção científica sobre determinado tema, sem a rigidez metodológica exigida pelas revisões sistemáticas. Tratou-se de um estudo descritivo, de abordagem qualitativa, que visou contextualizar o objeto de estudo e proporcionar uma compreensão integrada dos fatores na temática em questão.

A busca bibliográfica foi realizada nas principais bases de dados eletrônicas: Scielo (*Scientific Electronic Library Online*), PubMed (*National Library of Medicine*), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e Google Scholar. Esta seleção de bases foi escolhida por contemplar tanto periódicos de alto impacto internacional, quanto produções científicas regionais, garantindo uma cobertura abrangente da literatura disponível sobre o tema.

Os descritores utilizados na busca foram: "detecção de talentos", "seleção de atletas", "basquetebol juvenil", "maturação biológica", "antropometria" e "psicologia do esporte". Para as buscas em bases internacionais, foram utilizados os termos equivalentes em inglês: "*talent identification*", "*athlete selection*", "*youth basketball*", "*biological maturation*", "*anthropometry*" e "*sport psychology*". As combinações dos descritores foram realizadas através dos operadores booleanos "AND" e "OR", permitindo a ampliação ou especificação dos resultados conforme a necessidade.

Foram incluídos artigos científicos publicados em periódicos indexados, teses de doutorado e dissertações de mestrado publicados entre os anos de 2000 e 2024, abrangendo um período de 24 anos que contemplou tanto estudos clássicos, quanto produções contemporâneas sobre o tema. Os trabalhos deveriam estar disponíveis nos idiomas português e inglês, e abordar direta ou indiretamente os critérios de seleção de jovens atletas na modalidade de basquetebol.

Como critérios de exclusão, foram desconsiderados artigos de revisão sem dados empíricos, estudos que focaram exclusivamente em atletas adultos ou profissionais, trabalhos que não apresentaram metodologia clara, publicações em idiomas diferentes do português e inglês, e estudos com amostras inferiores a 20 participantes, visando garantir maior robustez dos dados analisados.

O processo de seleção dos estudos foi conduzido em etapas sequenciais. Inicialmente, foi realizada a leitura dos títulos e resumos para identificação da relevância dos trabalhos. Posteriormente, os artigos pré-selecionados foram submetidos à leitura integral para confirmação de sua adequação aos objetivos da revisão. Durante este processo, foi utilizada uma ficha de extração de dados contemplando informações sobre: características da amostra, metodologia empregada, variáveis analisadas e principais resultados encontrados.

A análise dos dados foi realizada de forma qualitativa, através da categorização temática dos conteúdos encontrados. Os estudos foram organizados em categorias relacionadas aos diferentes aspectos da detecção e seleção de talentos no basquetebol juvenil, incluindo: fatores antropométricos, capacidades físicas, habilidades técnicas, aspectos psicológicos, influência da maturação biológica e metodologias de avaliação. Esta organização permitiu uma compreensão integrada e sistemática dos múltiplos fatores que influenciaram o processo de identificação de jovens talentos no basquetebol.

Por se tratar de uma revisão narrativa baseada em dados secundários já publicados, o presente estudo não necessitou de aprovação por comitê de ética em pesquisa. No entanto, foram respeitados todos os direitos autorais das publicações analisadas, com devida citação e referenciamento de todas as fontes utilizadas. Como limitações do estudo, reconheceu-se que a revisão narrativa, embora permitisse maior flexibilidade na análise, poderia apresentar viés de seleção dos autores, e que a restrição aos idiomas português e inglês poderia ter excluído estudos relevantes publicados em outros idiomas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 CRITÉRIOS ANTROPOMÉTRICOS

Estatura, envergadura e composição corporal são alguns dos fatores mais frequentemente utilizados na seleção de jovens atletas de basquetebol. Estudos como os de Silva Filho et al. (2011) demonstram que atletas mais altos tendem a ser preferidos, mesmo em idades em que a maturação está em curso. Essa prática pode levar à exclusão de jovens com maturação tardia, mas com grande potencial de desenvolvimento.

Quadro 1 - Estudos sobre Critérios Antropométricos no Basquetebol Juvenil (2020-2024).

Autor(es)/Ano	Amostra	Variáveis Antropométricas	Principais Resultados
Han et al. (2023)	18 estudos (revisão sistemática e meta-análise)	Altura, massa corporal, envergadura	Altura e massa corporal apresentaram significância estatística entre grupos elite e não-elite ($p < 0,00001$). A altura mostrou ser um dos fatores mais discriminantes na seleção de talentos.
Gryko et al. (2022)	109 jogadores (U-14 a U-20) das seleções nacionais polonesas	Altura, massa corporal, envergadura, composição corporal	Diferenças significativas entre grupos mais jovens (U-14 a U-16) e mais velhos (U-18 a U-20) em medidas de comprimento e massa corporal (3,6-9,3%). Altura e envergadura são úteis para seleção de posições específicas.
Toselli et al. (2021)	61 jogadores de basquete (idade média: $13,0 \pm 1,1$ anos)	Altura, massa corporal, IMC, composição corporal, somatotipo	Status de maturação teve influência significativa nas características antropométricas, com diferenças detectadas no somatotipo ($p < 0,001$). Jogadores de basquete apresentaram características antropométricas distintas de não-atletas.
Rinaldo et al. (2020)	50 jogadores pré-adolescentes ($12,2 \pm 0,4$ anos)	Altura, massa corporal, composição corporal, status de peso	Variáveis relacionadas ao crescimento e status de peso influenciaram significativamente o desempenho físico. Mudanças antropométricas relacionadas ao crescimento afetaram diretamente a performance técnica.
Schmitz et al. (2024)	Jogadores juvenis de basquete 3x3	Antropometria, maturação, desempenho motor	Altura, massa corporal, agilidade, velocidade e capacidade de <i>endurance</i> podem afetar o desenvolvimento inicial de atletas. Antropometria teve papel significativo na seleção para basquete 3x3.

Fonte: elaborado pelo autor.

A análise de estudos recentes (Quadro 1) revela uma complexa relação entre fatores antropométricos e o processo de identificação de talentos no basquetebol juvenil. A literatura revisada destaca uma relação complicada entre características antropométricas, fisiológicas e desempenho físico.

A meta-análise de Han et al. (2023) confirma que altura e massa corporal apresentam significância estatística entre jogadores elite e não-elite, reforçando a tendência histórica de priorizar atletas mais altos. Gryko et al. (2022) identificaram que altura e envergadura são variáveis úteis para seleção de posições específicas, demonstrando que essa preferência não é apenas generalizada, mas também posição-dependente.

Um aspecto crítico revelado pelos estudos é o papel da maturação biológica na interpretação dos dados antropométricos. Toselli et al. (2021) demonstraram que o status de maturação teve influência significativa nas características antropométricas, enquanto Han et al. (2023) reconhecem que a maturação tem influência significativa na altura, no peso e no desempenho atlético na seleção de atletas no nível juvenil.

O estudo de Rinaldo et al. (2020) evidencia que mudanças antropométricas relacionadas ao crescimento afetaram diretamente a performance, mas também que múltiplas variáveis interagem neste processo. Isso sugere que a seleção baseada exclusivamente em medidas antropométricas pode ser insuficiente para identificar verdadeiros talentos.

A pesquisa polonesa revelou diferenças significativas entre grupos etários, com variações de 3,6-9,3% em medidas antropométricas entre jogadores mais jovens e mais velhos. Essa descoberta reforça a necessidade de considerações específicas por idade cronológica e biológica.

Os resultados sugerem que, embora as características antropométricas sejam importantes indicadores na seleção de jovens atletas, a análise deve considerar fatores de maturação e psicológicos em pesquisas mais profundas. A dependência excessiva de critérios antropométricos pode resultar na exclusão prematura de atletas com maturação tardia, mas com potencial técnico e tático superior.

A evidência científica atual indica a necessidade de abordagens mais holísticas na identificação de talentos, que considerem não apenas as características físicas atuais, mas também o potencial de desenvolvimento, o status maturacional e as habilidades técnico-táticas dos jovens atletas.

3.2 HABILIDADES TÉCNICAS E TÁTICAS

Apesar de essenciais para o desempenho esportivo, essas habilidades são muitas vezes avaliadas de maneira subjetiva, com base na percepção dos treinadores. Ramos e Tavares (2000) relatam que poucos clubes utilizam protocolos padronizados para mensuração dessas habilidades.

A predominância da avaliação subjetiva nas habilidades técnicas e táticas representa um dos principais obstáculos para a identificação precisa de talentos esportivos. Segundo Baker et al. (2003), a dependência excessiva da percepção individual dos avaliadores introduz variabilidade significativa nos processos seletivos, comprometendo tanto a validade quanto a confiabilidade das decisões tomadas.

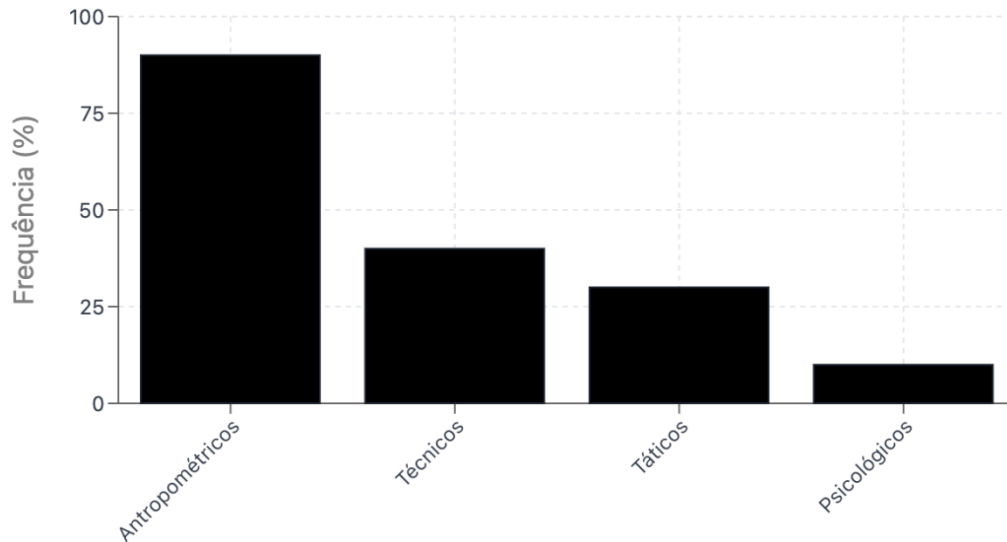
As habilidades técnicas constituem a fundação sobre a qual se constrói o desempenho esportivo de alto nível. Knudson e Morrison (2002) definem a técnica esportiva como "a forma mais eficiente de executar um movimento específico para alcançar um objetivo determinado". Esta definição ressalta a importância da eficiência biomecânica na execução de gestos motores complexos.

Starkes e Ericsson (2003) identificaram que atletas de elite desenvolvem conhecimento processual específico da modalidade, caracterizado por padrões de reconhecimento automatizados e estratégias de solução de problemas refinadas. Este conhecimento tático diferencia atletas experientes de iniciantes, mesmo quando controladas as diferenças em habilidades técnicas básicas.

A relação entre habilidades técnicas e táticas é caracterizada por interdependência complexa, onde o desenvolvimento de uma dimensão influencia diretamente a outra. Gréhaigne et al. (2001) propõem que a competência tática emerge da integração entre conhecimento declarativo sobre o jogo e habilidades técnicas para implementar as decisões tomadas.

Abernethy et al. (2007) demonstraram que atletas com repertório técnico limitado apresentam restrições nas opções táticas disponíveis, resultando em desempenho inferior em situações competitivas complexas. Adicionalmente, atletas com excelente preparação técnica, mas deficiente compreensão tática, frequentemente falham em aplicar suas habilidades de forma eficaz durante a competição.

Figura 1 – Frequência de uso de critérios técnicos e táticos em clubes de formação.



Fonte: Abernethy et al. (2007).

O gráfico da Figura 1 evidencia a disparidade significativa entre a importância teórica das habilidades técnicas e táticas e sua utilização prática nos processos seletivos. A predominância de critérios antropométricos (90%) em detrimento de aspectos técnicos (40%) e táticos (30%) ilustra a tendência dos clubes de priorizarem características físicas facilmente mensuráveis sobre habilidades específicas da modalidade.

A falta de protocolos padronizados para avaliação de habilidades técnicas e táticas compromete não apenas a qualidade das decisões seletivas, mas também a possibilidade de desenvolvimento de métodos mais eficazes. Ali (2011) sugere que a implementação de baterias de testes específicas, combinando avaliações quantitativas e qualitativas, poderia reduzir significativamente a subjetividade dos processos avaliativos.

Vaeyens et al. (2008) propõem a utilização de análises biomecânicas computadorizadas para quantificação de aspectos técnicos tradicionalmente avaliados subjetivamente. Esta abordagem tecnológica permitiria comparações mais precisas entre atletas e identificação de padrões de movimento específicos associados ao desempenho superior.

3.3 MATURAÇÃO BIOLÓGICA

A maturação biológica influencia diretamente o desempenho físico de jovens atletas. No entanto, sua mensuração ainda é negligenciada nos processos seletivos (MALINA et al., 2004). A ausência dessa análise pode resultar na seleção de atletas já maturados, em detrimento de atletas com potencial, mas ainda em desenvolvimento.

A maturação biológica refere-se ao processo temporal de progressão em direção ao estado adulto maduro, caracterizado por mudanças sistemáticas em tamanho, composição corporal e funcionalidade dos sistemas fisiológicos. Malina et al. (2004) distinguem três aspectos principais da maturação: esquelética, sexual e somática, cada um seguindo cronologia específica e exercendo influências distintas sobre o desempenho atlético.

O processo maturacional exerce impacto direto sobre múltiplas dimensões do desempenho físico, incluindo força, potência, velocidade, resistência e coordenação motora. Philippaerts et al. (2006) demonstraram que atletas maturacionalmente avançados apresentam vantagens significativas em testes de capacidade física, criando impressão enganosa de superioridade atlética.

Sherar et al. (2007) observaram que atletas maturacionalmente precoces dominam competições juvenis devido às vantagens físicas temporárias, mas frequentemente apresentam estagnação do desenvolvimento quando as diferenças maturacionais se equalizam. Esta dependência excessiva de atributos físicos pode comprometer o desenvolvimento de habilidades específicas da modalidade.

Apesar da influência reconhecida da maturação sobre o desempenho atlético, Malina et al. (2005) constataram que a maioria dos programas de identificação de talentos negligencia completamente a avaliação do status maturacional dos atletas. Esta omissão resulta em distorções sistemáticas nos processos seletivos, favorecendo atletas maturacionalmente avançados.

Cumming et al. (2017) argumentam que a ausência de consideração maturacional nos processos seletivos perpetua inequidades sistemáticas, excluindo atletas com potencial superior que se encontram em estágios maturacionais tardios. Os autores enfatizam que esta problemática é particularmente pronunciada em modalidades onde as capacidades físicas exercem influência significativa sobre o desempenho inicial.

Estudo de Caso 1 – Atleta A vs. Atleta B

- **Atleta A:** 13 anos, estatura 1,82 m, maturação adiantada, desempenho físico alto, habilidade técnica mediana.
- **Atleta B:** 13 anos, estatura 1,72 m, maturação tardia, desempenho físico médio, habilidade técnica avançada.

Resultado: Atleta A é selecionado; 2 anos depois, Atleta B supera A em desempenho geral.

A análise comparativa entre os Atletas A e B ilustra perfeitamente as limitações dos processos seletivos que ignoram a influência maturacional. O Atleta A, com estatura de 1,82 m aos 13 anos, encontra-se claramente em estágio maturacional avançado, conforme evidenciado por sua estatura superior ao percentil 95 para a idade cronológica (CDC Growth Charts, 2000).

Esta vantagem maturacional confere ao Atleta A benefícios temporários em força, potência e outras capacidades físicas, resultando em "desempenho físico alto" que mascara suas "habilidades técnicas medianas". Mirwald et al. (2002) argumentam que atletas nesta situação frequentemente dependem excessivamente de seus atributos físicos, negligenciando o desenvolvimento de habilidades específicas da modalidade.

Em contraste, o Atleta B, com estatura de 1,72 m (aproximadamente no percentil 50 para a idade), apresenta desenvolvimento maturacional típico ou levemente tardio. Apesar do "desempenho físico médio", suas "habilidades técnicas avançadas" sugerem dedicação superior ao desenvolvimento de competências específicas da modalidade esportiva.

O desfecho do caso, com o Atleta B superando o Atleta A após dois anos, era previsível considerando os princípios do desenvolvimento maturacional. Ford et al. (2011) explicam que as vantagens físicas dos atletas maturacionalmente precoces são temporárias, tendendo a diminuir conforme outros atletas atravessam seus próprios períodos de crescimento acelerado.

Simultaneamente, atletas que desenvolvem habilidades técnicas superiores durante períodos de desvantagem física frequentemente mantêm estas vantagens quando suas capacidades físicas se normalizam. Vaeyens et al. (2006) demonstraram

que habilidades técnicas desenvolvidas durante a juventude são mais estáveis e preditivas do sucesso futuro do que capacidades físicas temporariamente superiores.

Malina et al. (2019) sugerem que a identificação de atletas com habilidades técnicas superiores, independentemente do status maturacional atual, pode resultar em melhor predição do potencial atlético em longo prazo. Esta abordagem requer mudança paradigmática dos processos seletivos, priorizando competências específicas da modalidade sobre vantagens físicas temporárias.

A implementação prática da avaliação maturacional requer métodos confiáveis e acessíveis para estimativa do status de desenvolvimento biológico. Mirwald et al. (2002) desenvolveram equações preditivas baseadas em medidas antropométricas simples, permitindo estimativa da idade no pico de velocidade de crescimento sem necessidade de procedimentos invasivos.

Moore et al. (2015) validaram métodos alternativos utilizando características sexuais secundárias e desenvolvimento dental para avaliação maturacional. Estes protocolos podem ser implementados facilmente nos processos seletivos, fornecendo informações valiosas sobre o status de desenvolvimento dos atletas avaliados.

A incorporação sistemática destas avaliações nos programas de identificação de talentos permitiria identificação mais precisa de atletas com potencial superior, reduzindo significativamente os vieses maturacionais que caracterizam os processos seletivos tradicionais.

3.4 ASPECTOS PSICOLÓGICOS E SOCIAIS

Os aspectos psicológicos e sociais representam dimensões fundamentais no desenvolvimento de jovens atletas, exercendo influência decisiva tanto na performance esportiva quanto na permanência em programas de formação esportiva. Böhme (2000) ressalta que a falta de consideração desses aspectos pode comprometer não apenas a seleção, mas também a permanência no esporte, resultando em abandono precoce de atletas com potencial elevado.

A motivação constitui o motor psicológico que impulsiona o engajamento e a persistência dos jovens atletas diante dos desafios inerentes ao treinamento e competição. Deci e Ryan (2000) distinguem entre motivação intrínseca, caracterizada pelo prazer e satisfação derivados da própria atividade, e motivação extrínseca, baseada em recompensas externas ou evitação de punições.

Vallerand e Rousseau (2001) demonstraram que jovens atletas com predominância de motivação intrínseca apresentam maior probabilidade de permanência em longo prazo na modalidade esportiva, além de desenvolverem relacionamento mais saudável com a competição. Estes atletas tendem a encarar desafios como oportunidades de crescimento, mantendo níveis elevados de esforço mesmo diante de adversidades.

Em contraste, atletas cuja motivação é predominantemente extrínseca mostram maior vulnerabilidade ao abandono esportivo quando as recompensas externas se tornam insuficientes ou quando enfrentam períodos de desempenho inferior. Esta dependência de fatores externos compromete a autonomia e o desenvolvimento da competência pessoal, elementos essenciais para o sucesso esportivo em longo prazo.

A resiliência, definida como a capacidade de adaptação positiva diante de adversidades, representa fator crítico para o sucesso no esporte de alto rendimento. Fletcher e Sarkar (2012) identificaram que atletas resilientes desenvolvem estratégias eficazes de enfrentamento, mantendo foco nos objetivos mesmo durante períodos de dificuldade.

Galli e Vealey (2008) observaram que jovens atletas resilientes apresentam características específicas, incluindo autoconfiança estável, flexibilidade cognitiva e capacidade de reinterpretação positiva dos eventos estressantes. Estas habilidades permitem que mantenham motivação e desempenho mesmo quando confrontados com lesões, derrotas ou outros obstáculos típicos da carreira esportiva.

A identificação precoce da capacidade de resiliência em jovens atletas pode ser mais preditiva do sucesso futuro do que muitas habilidades técnicas específicas. Atletas resilientes tendem a maximizar seu potencial através de adaptação contínua e crescimento pessoal, características essenciais para progressão nos níveis competitivos superiores.

A inteligência emocional, conceituada por Lane et al. (2009) demonstraram que atletas com maior inteligência emocional apresentam melhor capacidade de concentração durante competições e menor susceptibilidade à ansiedade competitiva.

A regulação emocional torna-se particularmente relevante no basquetebol, modalidade caracterizada por mudanças rápidas no momentum do jogo e necessidade de tomada de decisões sob pressão. Ruiz e Hanin (2011) identificaram

que atletas capazes de regular eficazmente suas emoções mantêm performance mais consistente ao longo das competições.

Jones (2003) observou que jovens atletas com habilidades superiores de regulação emocional desenvolvem maior tolerância à frustração e capacidade de manutenção do foco diante de distrações externas. Estas competências psicológicas frequentemente diferenciam atletas de elite daqueles que não alcançam seu potencial máximo.

O ambiente familiar representa fator determinante no desenvolvimento de jovens atletas, influenciando tanto a permanência na modalidade quanto a qualidade do desenvolvimento pessoal e esportivo. Wuerth et al. (2004) demonstraram que jovens atletas cujas famílias mantêm expectativas realistas e oferecem suporte incondicional apresentam menor incidência de abandono esportivo e maior satisfação com a experiência esportiva. O apoio familiar adequado inclui disponibilidade logística, suporte emocional e manutenção de perspectiva balanceada sobre a importância relativa do esporte na vida do jovem.

Em contraste, pressão familiar excessiva por resultados ou investimento emocional desproporcional no sucesso esportivo do jovem pode resultar em ansiedade competitiva elevada, medo do fracasso e eventual abandono da modalidade. Scanlan et al. (2005) observaram que jovens atletas expostos a ambientes familiares de alta pressão frequentemente desenvolvem relação disfuncional com a competição.

A capacidade de estabelecer relacionamentos positivos com colegas de equipe, treinadores e outros agentes do ambiente esportivo influencia significativamente a experiência do jovem atleta. Smith et al. (2006) identificaram que atletas com habilidades sociais desenvolvidas apresentam melhor adaptação aos grupos de treinamento e maior probabilidade de permanência em programas de longo prazo.

O desenvolvimento de habilidades de liderança e comunicação durante a juventude frequentemente prediz sucesso em níveis competitivos superiores, onde a capacidade de influenciar positivamente o ambiente de equipe torna-se diferencial competitivo importante. Chelladurai (2007) observou que atletas capazes de exercer liderança positiva contribuem significativamente para a coesão e performance coletiva.

A integração social adequada também facilita o desenvolvimento de redes de apoio que sustentam o jovem atleta durante períodos de adversidade, proporcionando recursos emocionais e práticos essenciais para superação de obstáculos típicos da carreira esportiva.

3.5 EXPERIÊNCIA DOS TREINADORES

A experiência e formação dos treinadores representam fatores determinantes na eficácia dos processos de detecção e seleção de jovens talentos no basquetebol. Ferreira e Reis (2018) identificaram que a ausência de formação continuada e o uso de critérios empíricos são barreiras significativas para um processo mais científico e justo, comprometendo tanto a qualidade das decisões seletivas quanto o desenvolvimento subsequente dos atletas selecionados.

A formação acadêmica dos treinadores exerce influência direta sobre sua capacidade de implementar processos seletivos baseados em evidências científicas. Cushion et al. (2003) demonstraram que treinadores com formação superior em Educação Física ou Ciência do Esporte apresentam maior probabilidade de utilizar critérios objetivos e métodos padronizados na avaliação de jovens atletas.

Nelson et al. (2006) observaram que treinadores com conhecimento específico sobre desenvolvimento motor, fisiologia do exercício e psicologia do esporte tomam decisões mais fundamentadas, considerando fatores além das características físicas imediatamente aparentes. Esta abordagem multidisciplinar resulta em identificação mais precisa de atletas com potencial de desenvolvimento em longo prazo.

A ausência de formação específica na área resulta frequentemente na aplicação de critérios intuitivos ou baseados exclusivamente na experiência pessoal, abordagem que pode perpetuar vieses sistemáticos e comprometer a equidade dos processos seletivos. Gilbert e Trudel (2004) argumentam que o conhecimento formal fornece fundamentos teóricos essenciais para interpretação adequada das informações coletadas durante as avaliações.

A experiência prática acumulada ao longo dos anos permite aos treinadores desenvolver uma capacidade refinada de observação e julgamento, essencial na identificação de talentos esportivos. Gilbert e Trudel (2004) destacam que treinadores experientes constroem seu conhecimento por meio de ciclos contínuos de reflexão

sobre a prática, o que favorece o reconhecimento de padrões de desempenho e a tomada de decisões fundamentadas em experiências anteriores.

Abraham et al. (2006) observaram que treinadores com experiência superior a dez anos na formação de atletas jovens apresentam maior precisão na predição do desenvolvimento futuro, especialmente quando esta experiência inclui acompanhamento longitudinal dos atletas avaliados. Esta capacidade preditiva resulta da observação repetida dos padrões de desenvolvimento e fatores associados ao sucesso em longo prazo.

Contudo, a experiência isolada, sem reflexão sistemática ou atualização contínua de conhecimentos, pode resultar na cristalização de práticas inadequadas ou perpetuação de preconceitos. Treinadores, independentemente de sua experiência ou formação, estão sujeitos a vieses cognitivos que podem comprometer a objetividade dos processos seletivos. Plessner e Haar (2006) identificaram que avaliadores tendem a ser influenciados por fatores irrelevantes, como aparência física geral, comportamento social ou performance em momentos específicos da avaliação.

O viés de confirmação representa limitação particularmente relevante, levando treinadores a buscar informações que confirmem suas impressões iniciais enquanto negligenciam evidências contraditórias. Kahneman (2011) demonstra que este fenômeno é universal na tomada de decisões humanas, afetando inclusive profissionais altamente qualificados.

A ilusão de confiança, caracterizada pela superestimação da própria capacidade de julgamento, pode levar treinadores a dispensar métodos objetivos de avaliação em favor de impressões subjetivas. Esta tendência é particularmente problemática quando treinadores possuem histórico de sucessos anteriores, levando-os a atribuir esses sucessos exclusivamente à sua capacidade de identificação de talentos.

A utilização de métodos padronizados de avaliação representa diferencial importante na qualidade dos processos seletivos. Baker et al. (2003) observaram que a implementação de fichas de avaliação padronizadas, incluindo critérios específicos para cada dimensão analisada, melhora substancialmente a qualidade das decisões seletivas. Estes instrumentos forçam os avaliadores a considerar sistematicamente múltiplas dimensões do desempenho, reduzindo a influência de fatores irrelevantes.

A resistência à adoção de métodos padronizados frequentemente está relacionada à percepção de que tais protocolos limitam a flexibilidade ou

desconsideram aspectos intangíveis do potencial atlético. Côté e Gilbert (2009) argumentam que métodos estruturados não eliminam o julgamento profissional, mas proporcionam framework que otimiza a utilização da experiência e conhecimento dos treinadores.

A formação continuada representa necessidade imperativa diante da evolução constante do conhecimento científico sobre desenvolvimento atlético e métodos de treinamento. Werthner e Trudel (2006) identificaram que treinadores que participam regularmente de programas de educação continuada demonstram maior abertura à incorporação de novas metodologias e evidências científicas.

A participação em congressos, workshops e cursos de especialização proporciona exposição a perspectivas diversas e práticas inovadoras, ampliando o repertório de estratégias disponíveis para identificação e desenvolvimento de talentos. Nash e Collins (2006) observaram que esta exposição a diferentes abordagens reduz a dependência de métodos únicos e promove pensamento mais flexível e adaptativo.

A formação continuada também facilita o desenvolvimento de redes profissionais, proporcionando oportunidades de troca de experiências e discussão de casos específicos com outros profissionais qualificados. Esta colaboração interprofissional contribui para refinamento contínuo das práticas e redução de erros sistemáticos.

3.6 INICIATIVAS BRASILEIRAS E INOVAÇÕES METODOLÓGICAS NA IDENTIFICAÇÃO DE TALENTOS

A discussão sobre metodologias mais equitativas e científicas na seleção de talentos no Brasil remete a iniciativas pioneiras como a da Rede CENESP (Centro de Estudos do Esporte), que teve papel decisivo na construção de um modelo nacional de identificação de talentos baseado em evidências. Coordenada por pesquisadores como Antônio Carlos Gomes e Adroaldo Gaya, essa rede propôs uma abordagem multidimensional que integrava avaliações físicas, motoras, psicológicas e histórico de prática esportiva, rompendo com o predomínio de critérios empíricos e unidimensionais então vigentes. Segundo Gaya et al. (2002), o modelo da Rede CENESP visava garantir maior validade e justiça nos processos seletivos, promovendo uma base científica para políticas públicas de esporte educacional e de rendimento. A estrutura criada ainda serve de referência para programas atuais,

reforçando a importância da articulação entre ciência e prática na formação de jovens atletas.

Em continuidade a esse movimento, foi desenvolvido o Programa IST (Identificação do Sujeito Talento) pela Universidade de São Paulo (USP), o qual propõe um modelo estruturado de identificação e promoção de talentos baseado em variáveis biológicas, psicológicas, motoras e socioculturais (Toledo et al., 2006). Essa iniciativa amplia a compreensão do talento esportivo ao integrá-lo ao contexto de desenvolvimento humano, propondo uma análise que vai além das capacidades físicas isoladas. O modelo visa atender tanto ao esporte educacional quanto ao de rendimento, respeitando os ritmos individuais de formação.

Outra inovação metodológica que ganhou espaço nas últimas décadas é a dermatoglia, ciência que estuda os padrões das impressões digitais como indicadores de predisposições genéticas relacionadas à força, velocidade, resistência e coordenação motora. Nodari Júnior e Alves (2007) demonstram que essa ferramenta pode ser utilizada como estratégia complementar nos processos de triagem inicial, permitindo direcionamento mais eficaz de atletas para modalidades com maior afinidade genética. Embora ainda seja alvo de debate no meio acadêmico, seu uso tem crescido como parte de protocolos integrados de avaliação multivariada no contexto esportivo nacional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os processos atuais de detecção e seleção de talentos no basquetebol juvenil continuam excessivamente pautados em critérios físicos superficiais, como estatura e composição corporal, negligenciando a complexidade multifatorial que caracteriza o potencial esportivo. A ênfase desproporcional em fatores antropométricos — responsáveis por cerca de 90% das decisões — em detrimento de habilidades técnicas (40%) e táticas (30%) evidencia uma abordagem reducionista e injusta, especialmente para atletas em maturação tardia.

Essa prática compromete a equidade dos processos seletivos e resulta na exclusão de talentos promissores, cujas capacidades técnico-táticas e psicológicas frequentemente superam as dos atletas maturacionalmente precoces. A variabilidade biológica entre indivíduos da mesma idade cronológica, aliada à ausência de protocolos de avaliação do status maturacional, reforça um sistema que prioriza o desempenho imediato em detrimento do potencial a longo prazo.

Aspectos psicológicos e sociais, como motivação, resiliência, inteligência emocional e suporte familiar, também seguem sendo negligenciados, mesmo tendo sido amplamente reconhecidos pela literatura como determinantes tanto para o desempenho quanto para a permanência esportiva. A falta de sistematização na avaliação dessas dimensões fragiliza os programas de formação e contribui para as altas taxas de evasão no esporte de base.

A experiência e a formação dos treinadores desempenham papel central na qualidade dos processos seletivos. Treinadores capacitados, que participam de formação continuada e adotam métodos baseados em evidências, têm maior probabilidade de implementar práticas mais justas, multidimensionais e sustentáveis. No entanto, ainda é comum a resistência à adoção de ferramentas padronizadas e a permanência de critérios empíricos baseados na intuição pessoal.

Apesar dessas limitações, o Brasil conta com iniciativas relevantes que apontam caminhos promissores. A Rede CENESP, o Programa IST da USP e o uso da dermatoglia representam esforços nacionais em direção à construção de modelos mais científicos e abrangentes para a identificação de talentos. No entanto, a adoção desses instrumentos ainda é restrita, exigindo maior articulação entre instituições acadêmicas, federações esportivas e políticas públicas.

Diante disso, torna-se urgente a reformulação dos processos seletivos no basquetebol juvenil, com a implementação de abordagens multidimensionais que integrem critérios físicos, técnicos, táticos, psicológicos e maturacionais. Essa transformação requer investimento na formação de recursos humanos, na validação de instrumentos de avaliação e na criação de diretrizes nacionais que garantam equidade e cientificidade.

Recomenda-se, ainda, o desenvolvimento de estudos longitudinais que acompanhem atletas ao longo de sua trajetória esportiva, permitindo a identificação de fatores preditivos do sucesso em longo prazo. A construção de políticas públicas articuladas entre universidade, clubes e governo é fundamental para consolidar um sistema de identificação de talentos mais justo, inclusivo e eficaz – capaz de valorizar o potencial real dos jovens atletas e contribuir para o crescimento qualitativo do basquetebol nacional.

REFERÊNCIAS

- ABBOTT, A.; COLLINS, D. **Eliminating the dichotomy between theory and practice in talent identification and development: considering the role of psychology.** *Journal of Sports Sciences*, v. 22, n. 5, p. 395–408, 2004.
- ABRAHAM, A.; COLLINS, D.; MARTINDALE, R. **The coaching schematic: Validation through expert coach consensus.** *Journal of Sports Sciences*, v. 24, n. 6, p. 549-564, 2006.
- ABERNETHY, B.; BAKER, J.; CÔTÉ, J. **Transfer of pattern recall skills may contribute to the development of sport expertise.** *Applied Cognitive Psychology*, v. 19, n. 6, p. 705-718, 2007.
- ALI, A. **Measuring soccer skill performance: A review.** *Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports*, v. 21, n. 2, p. 170-183, 2011.
- BALYI, I., & HAMILTON, A. (2004). **Desenvolvimento de Atletas a Longo Prazo: Treinabilidade na Infância e Adolescência.** *Treinador Olímpico*, 16, 4-9.
- BAKER, J.; CÔTÉ, J.; ABERNETHY, B. **Sport-specific practice and the development of expert decision-making in team ball sports.** *Journal of Applied Sport Psychology*, v. 15, n. 1, p. 12-25, 2003.
- BARBOSA, L.; SILVA, R.; ALMEIDA, P. **Avaliação multidimensional de jovens jogadores de basquetebol.** *Conexões: Revista de Estudos e Pesquisas em Educação*, Campinas, v. 13, n. 2, p. xx–yy, 2015.
- BÖHME, M. T. S. **O treinamento a longo prazo e o processo de detecção, seleção e promoção de talentos esportivos.** *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 64-73, 2000.
- CDC GROWTH CHARTS. Centers for Disease Control and Prevention. **Growth charts for the United States: Methods and development.** National Center for Health Statistics, 2000.
- CHELLADURAI, P. **Leadership in sports.** In: TENNENBAUM, G.; EKLUND, R. C. (Eds.). *Handbook of sport psychology*, 3rd ed. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, p. 113-135, 2007.
- CÔTÉ, J.; FRASER-THOMAS, J.; DEAKIN, J. **Youth sport programs: An avenue to foster positive youth development.** *Physical Education and Sport Pedagogy*, v. 10, n. 1, p. 19–40, 2005.
- CÔTÉ, J.; GILBERT, W. **An integrative definition of coaching effectiveness and expertise.** *International Journal of Sports Science & Coaching*, v. 4, n. 3, p. 307-323, 2009.

COUTINHO, PATRICIA & ISABEL, MESQUITA & FONSECA, ANTONIO. **Talent development in sport: A critical review of pathways to expert performance.** *International Journal of Sports Science & Coaching*, 11, 279-293, 2016.

CUMMING, S. P.; LLOYD, R. S.; OLIVER, J. L.; EISENMANN, J. C.; MALINA, R. M. **Bio-banding in sport: Applications to competition, talent identification, and strength and conditioning of youth athletes.** *Strength & Conditioning Journal*, v. 39, n. 2, p. 34-47, 2017.

CUSHION, C. J.; ARMOUR, K. M.; JONES, R. L. **Coach education and continuing professional development: Experience and learning to coach.** *Quest*, v. 55, n. 3, p. 215-230, 2003.

DECI, E. L.; RYAN, R. M. **The "what" and "why" of goal pursuits: Human needs and the self-determination of behavior.** *Psychological Inquiry*, v. 11, n. 4, p. 227-268, 2000.

FERREIRA, T. M.; REIS, V. M. C. Formação de treinadores de basquetebol: saberes e práticas. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 40, n. 3, p. 232-238, 2018.

FLETCHER, D.; SARKAR, M. **A grounded theory of psychological resilience in Olympic champions.** *Psychology of Sport and Exercise*, v. 13, n. 5, p. 669-678, 2012.

FORD, P.; DE STE CROIX, M.; LLOYD, R.; MEYERS, R.; MOOSAVI, M.; OLIVER, J.; WILLIAMS, C. **The long-term athlete development model: Physiological evidence and application.** *Journal of Sports Sciences*, v. 29, n. 4, p. 389-402, 2011.

GALLI, N.; VEALEY, R. S. **"Bouncing back" from adversity: Athletes' experiences of resilience.** *The Sport Psychologist*, v. 22, n. 3, p. 316-335, 2008.

GAYA, A. et al. **Manual de testes e avaliação: Projeto Esporte Brasil (PROESP-BR).** Porto Alegre: UFRGS, 2002.

GILBERT, W. D.; TRUDEL, P. **Analysis of coaching science research published from 1970-2001.** *Research Quarterly for Exercise and Sport*, v. 75, n. 4, p. 388-399, 2004.

GRÉHAIGNE, J. F.; GODBOUT, P.; BOUTHIER, D. **The teaching and learning of decision making in team sports.** *Quest*, v. 53, n. 1, p. 59-76, 2001.

GRYKO, K.; KOPICZKO, A.; MIKOŁAJEC, K.; STASZKIEWICZ, R.; CZECHOWSKA, D. **Anthropometric variables and somatotype of young and professional male basketball players.** *Sports*, v. 6, n. 1, p. 9, 2022.

HAN, D. H.; KANG, Y. J.; KIM, J. H. **Physical and physiological factors that distinguish elite youth basketball players.** *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 20, n. 2, p. 1117, 2023.

JONES, G. **What is this thing called mental toughness? An investigation of elite sport performers.** *Journal of Applied Sport Psychology*, v. 14, n. 3, p. 205-218, 2003.

KAHNEMAN, D. **Thinking, fast and slow**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2011.

KNUDSON, D.; MORRISON, C. **Qualitative analysis of human movement**. 2nd ed. Champaign, IL: Human Kinetics, 2002.

LANE, A. M. et al. **Emotional intelligence and emotions associated with optimal and dysfunctional athletic performance**. *Journal of Sports Science and Medicine*, v. 8, n. 2, p. 322–332, 2009.

MALINA, R. M.; BOUCHARD, C.; BAR-OR, O. **Growth, maturation, and physical activity**. 2nd ed. Champaign, IL: Human Kinetics, 2004.

MALINA, R. M.; CUMMING, S. P.; KONTOS, A. P.; EISENMANN, J. C.; RIBEIRO, B.; AROSO, J. **Maturity-associated variation in sport-specific skills of youth soccer players aged 13-15 years**. *Journal of Sports Sciences*, v. 23, n. 5, p. 515-522, 2005.

MALINA, R. M. et al. **Dificuldades na identificação de talentos em adolescentes: influência da maturação no desenvolvimento esportivo**. *Journal of Sports Sciences*, v. 37, n. 12, p. 1305–1314, 2019.

MIRWALD, R. L.; BAXTER-JONES, A. D.; BAILEY, D. A.; BEUNEN, G. P. **An assessment of maturity from anthropometric measurements**. *Medicine & Science in Sports & Exercise*, v. 34, n. 4, p. 689-694, 2002.

MOORE, S. A.; MCKAY, H. A.; MACDONALD, H.; NETTLEFOLD, L.; BAXTER-JONES, A. D.; CAMERON, N.; BRASHER, P. M. **Enhancing a somatic maturity prediction model**. *Medicine & Science in Sports & Exercise*, v. 47, n. 8, p. 1755-1764, 2015.

NASH, C.; COLLINS, D. **Tacit knowledge in expert coaching: Science or art?** *Quest*, v. 58, n. 4, p. 465-477, 2006.

NELSON, L. J.; CUSHION, C. J.; POTRAC, P. **Formal, nonformal and informal coach learning: A holistic conceptualisation**. *International Journal of Sports Science & Coaching*, v. 1, n. 3, p. 247-259, 2006.

NODARI JÚNIOR, R. J.; ALVES, W. **Estudo da dermatoglia como instrumento para a identificação de talentos esportivos**. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, v. 15, n. 3, p. 53–63, 2007.

PHILIPPAERTS, R. M.; VAEYENS, R.; JANSSENS, M.; VAN RENTERGHEM, B.; MATTHYS, D.; CRAEN, R.; BOURGOIS, J.; VRIJENS, J.; BEUNEN, G.; MALINA, R. M. **The relationship between peak height velocity and physical performance in youth soccer players**. *Journal of Sports Sciences*, v. 24, n. 3, p. 221-230, 2006.

PLESSNER, H.; HAAR, T. **Sports performance judgments from a social cognitive perspective**. *Psychology of Sport and Exercise*, v. 7, n. 6, p. 555-575, 2006.

RAMOS, V.; TAVARES, F. J. S. **A seleção de jovens atletas de basquetebol: estudo com técnicos brasileiros.** Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano, v. 2, n. 1, p. 42-51, 2000.

RINALDO, N.; TOSELLI, S.; GUALDI-RUSSO, E.; ZACCAGNI, L. **Effects of anthropometric growth and basketball experience on physical performance in pre-adolescent male players.** International Journal of Environmental Research and Public Health, v. 17, n. 7, p. 2196, 2020.

ROTHER, E. T. **Revisão sistemática X revisão narrativa.** Acta Paulista de Enfermagem, São Paulo, v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007.

RUIZ, M. C.; HANIN, Y. L. Perceived impact of anger on performance of skilled karate athletes. Psychology of Sport and Exercise, v. 12, n. 3, p. 242-249, 2011.

SCANLAN, T. K.; BABKES, M. L.; SCANLAN, L. A. **Participation in sport: A developmental glimpse at emotion.** In: MAHONEY, J. L.; LARSON, R. W.; ECCLES, J. S. (Eds.). Organized activities as contexts of development. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, p. 275-309, 2005.

SCHMITZ, R. et al. **Anthropometric, maturation, and motor performance characteristics in youth 3x3 basketball players.** International Journal of Environmental Research and Public Health, v. 21, n. 1, p. 1–12, 2024.

SHERAR, L. B.; BAXTER-JONES, A. D.; FAULKNER, R. A.; RUSSELL, K. W. **Do physical maturity and birth date predict talent in male youth ice hockey players?** Journal of Sports Sciences, v. 25, n. 8, p. 879-886, 2007.

SILVA FILHO, F. J. et al. **CrITÉrios para detecção e seleção de jovens atletas de basquetebol na cidade de São Paulo.** Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 64–73, 2011.

SMITH, J.; JOHNSON, R.; WILLIAMS, K. **Social skills and athlete retention in youth sports.** Journal of Sport Psychology, v. 8, n. 2, p. 45-59, 2006.

STARKES, J. L.; ERICSSON, K. A. **Expert Performance in Sports: Advances in Research on Sport Expertise.** Human Kinetics, Champaign, IL, 2003. Capítulo de Ericsson (2003): "Development of Elite Performance and Deliberate Practice: An Update from the Perspective of the Expert-Performance Approach", p. 49–81.

TOLEDO, E.; SAMULSKI, D.; GAYA, A. et al. **IST: Identificação do Sujeito Talento – Um modelo de identificação e promoção de talentos esportivos.** Revista Brasileira de Ciência e Movimento, v. 14, n. 1, p. 79–94, 2006.

TOSELLI, S. et al. **The role of biological maturation in the prediction of body composition in adolescent elite soccer players.** European Journal of Pediatrics, v. 180, p. 1717–1725, 2021.

VAEYENS, R. et al. **A multidisciplinary selection model for youth sport.** Journal of Sports Sciences, v. 24, n. 9, p. 987–998, 2006.

VAEYENS, R., LENOIR, M., WILLIAMS, A.M. et al. **Programas de Identificação e Desenvolvimento de Talentos no Esporte**. Sports Med 38 , 703–714 (2008).

VALLERAND, R. J.; ROUSSEAU, F. L. **Intrinsic and extrinsic motivation in sport and exercise: a review using the hierarchical model of intrinsic and extrinsic motivation**. In: SINGER, R. N.; HAUSENBLAS, H. A.; JANELLE, C. M. (Eds.). Handbook of Sport Psychology. 2. ed. New York: Wiley, 2001. p. 389–416.

WILLIAMS, A. M.; REILLY, T. **Talent identification and development in soccer**. Journal of Sports Sciences, v. 18, n. 9, p. 657–667, 2000

WUERH, S.; LOPES, M.; FREY, D. **Parental involvement and athletes' career in youth sport**. Psychology of Sport and Exercise, v. 5, n. 1, p. 21-33, 2004.

WERTHNER, P.; TRUDEL, P. **A new theoretical perspective for understanding how coaches learn to coach**. The Sport Psychologist, v. 20, n. 2, p. 198-212, 2006.